

**Notas para o debate sobre a imagem estereotipada do negro
na mídia brasileira**

*Notes to the debate about the black image
in brazilian media*

João Aparecido Gonçalves PEREIRA¹
Solange RUSCHEL²
Ronan da Silva Parreira GAIA³

Resumo

A representatividade do negro na mídia brasileira tem sido um assunto muito contundente. Por um lado, nem sempre as pessoas notam como os estigmas raciais deixados pela escravidão no Brasil são conservados e reproduzidos contra os negros através dos meios de comunicação midiáticos. Por outro lado, muitos estudiosos do assunto, dentre eles alguns autores citados neste trabalho, defendem a ideia de que, apesar de ter havido alguns avanços qualitativos, os negros brasileiros, em grande medida têm sido representados na mídia de maneira estereotipada ficando sempre à margem, na inferioridade dos papéis mais importantes de filmes e telenovelas. Diante disso, esse trabalho visa apresentar elementos essenciais que revelam como os negros têm sido representados de modo estereotipado nos veículos de comunicação brasileira.

Palavras-chaves: População negra. Representatividade. Estereótipo. Mídia brasileira.

Abstract

The representation of black in the Brazilian media has been a very compelling subject. On the one hand, people do not always notice how the racial stigmas left by slavery in Brazil are being conserved and reproduced against blacks through the media. On the other hand, many scholars of the subject, among them the authors cited in this term paper, defend the idea that, although there have been some qualitative advances, Brazilian blacks, to a large extent, have been represented in the media in a stereotypical manner, always being excluded from their most important roles of soap operas. Furthermore, this work shows some elements that reveal how black people have been represented in a stereotypical mode by means of brazilian media.

Keywords: Black people. Representation. Stereotypical. Brazilian media.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Professor de Filosofia da Secretaria de Educação do Estado do Pará. E-mail: joaocidinho@hotmail.com

² Especialista em Educação, Diversidade e Cidadania pela Faculdade Educacional da Lapa - FAEL. Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino de Palhoça-SC. E-mail: sol.ruschel@yahoo.com.br

³ Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EER/USP). Pesquisador Associado do Tierno Bokar - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Fenômeno Religioso (UNILAB/CNPq). E-mail: ronangaia@yahoo.com.br

Introdução

No Brasil, muitas questões ligadas ao tema da representatividade negra na mídia ganharam muito destaque como objeto de estudo, principalmente a partir dos anos 2000 com um documentário intitulado “A negação do Brasil”, produzido pelo cineasta Joel Zito Araújo com base em um livro de sua autoria que tem o mesmo título do documentário mencionado. No livro e no documentário Joel Zito suscita uma discussão acerca dos papéis que são atribuídos aos atores negros⁴ nas telenovelas brasileiras durante o período de 1963 a 1997.

O desenvolvimento deste trabalho seguirá essa mesma linha de discussão traçada pelo cineasta analisando alguns fatores que mostram como os negros têm sido representados de forma estereotipada pela mídia brasileira. Nesse contexto, também serão analisados alguns efeitos que tal representatividade tem produzido em meio à sociedade.

Para desenvolver os objetivos apresentados neste trabalho, consideramos relevante elaborar algumas indagações que serão analisadas ao longo do mesmo, tais como: quais são os papéis que têm sido predominantemente representados pelos negros ao longo dos 65 anos de história da telenovela brasileira? Quem é, de fato, o principal personagem negro das histórias em quadrinhos brasileiras? Quem tem representado predominantemente na mídia os papéis que dizem respeito ao negro? Os brancos ou os próprios negros? Como a representatividade estereotipada do negro nos meios de comunicação tem surtido efeitos negativos em meio à sociedade brasileira?

Para discorrer sobre a problemática levantada esse trabalho está dividido em duas partes. A primeira visa analisar o viés predominante dos papéis que têm sido representados por negros nas telenovelas brasileiras. A segunda parte apresenta uma reflexão sobre o ideal do branqueamento da representatividade negra na mídia televisiva. De igual modo, também são assinalados alguns efeitos que são gerados em meio à sociedade decorrentes da representatividade estereotipada do negro na mídia brasileira.

⁴ Neste estudo optamos pelo uso desta terminologia para definir pretos e pardos, em consonância com o artigo 1, IV, da Lei n. 12.288/2010 que institui o Estatuto de Igualdade Racial (BRASIL, 2010).

Estruturando o debate

Por que é importante estudar a maneira como os negros são representados na mídia brasileira? A relevância de estudar essa temática se justifica, a partir de várias razões, dentre elas, destacamos o fato de que nem sempre as pessoas notam como os estigmas raciais que foram deixados pela escravidão no Brasil vão sendo conservados e reproduzidos contra os negros através dos meios de comunicação midiáticos (SANTOS, 1994; SANTOS, 2003; SANTOS, 2004). Por conseguinte, essas mesmas pessoas também não percebem que tal situação vai de encontro a precarização do desenvolvimento de uma sociedade enquanto república democrática, pois sem a realização de valores como liberdade e igualdade de condições e de tratamento⁵ é inviável edificar uma república bem ordenada. De igual modo, não se pode afirmar de maneira apropriada que uma sociedade é democrática, se no seio da mesma se aceita e se reproduz ações e ideias racistas, preconceituosas e excludentes referente a questões étnico-raciais (SANTOS, 2004). Lamentavelmente, na maioria das vezes, conforme objetivamos abordar nesse trabalho, as ações e ideias excludentes concernentes à raça e/ou etnia são forjadas e/ou reproduzidas pela mídia.

Sobre o assunto, Santos (2003) ressalta que dentre as mais importantes problemáticas do Brasil não há outra que seja mais mascarada que a questão racial, na medida que:

O negro não está ausente apenas nos meios de comunicação em geral, ele também não comparece como uma entidade importante na vida nacional. Nós [negros] não comparecemos adequadamente nas novelas e nos filmes nem somos personagens dos comerciais de TV na dimensão que merecemos (só bem recentemente pequenas mudanças começaram a ocorrer) (SANTOS, 2003, p. 26).

É importante destacar que as narrativas da mídia têm, de modo geral, forte influência social que acabam oferecendo um padrão “ideal” de identidade e comportamento que podem comprometer a “autoestima e a autoimagem de grupos discriminados, afetando a compreensão que eles têm de si mesmos, e também influenciar a imagem que outros grupos fazem deles” (ACEVEDO, NOHARA,

⁵ Concebidos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) e reforçados pela Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988).

RAMUSKI, 2010, p. 60). Esse padrão ideal é classificado por Souza (1990) e Costa (1990) como ideal de Ego branco, haja vista que “Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar, anular a presença do corpo negro” (COSTA, 1990, p. 2). Assim sendo, o sujeito negro vive uma dupla frustração a de buscar um ideal de ego inalcançável e estabelecido como referência de padrão social (o Ego branco), negando seu próprio ego ainda que de modo não intencional e inconsciente (COSTA, 1990; SOUZA, 1990 apud. GAIA; VITÓRIA; ROQUE, 2020).

Face ao exposto, pode-se depreender que muitos daqueles que são discriminados no meio social tendem a se comportar conforme as expectativas de quem os discriminam. Essa situação se intensifica perante o poder que a mídia possui para impactar e/ou influenciar a construção da identidade dos grupos sociais, tanto para a sociedade, quanto para os próprios indivíduos que pertencem a tais grupos. Nesse contexto, muitos negros acabam se resignando diante da identidade que é engendrada a seu respeito. Ou seja, eles acabam assimilando, na maioria das vezes de maneira acrítica e/ou inconsciente, a forma como são vistos na sociedade e o modo estereotipado com o qual os seus pares, bem como a sua cultura, são representados nas grandes mídias, especialmente na televisão.

Voltando a analisar a contribuição do cineasta Joel Araújo em seu documentário, “A negação do Brasil” (2000). Ao abordar a participação da atriz Isaura Bruno⁶ - primeira mulher negra a protagonizar uma telenovela no Brasil - na novela, “O Direito de Nascer”, o autor mostra que, o sucesso que ela obteve devido ao seu desempenho no papel que representou na telenovela, não significou nenhuma mudança no sentido de garantir um futuro promissor para os atores negros, pois estes continuam sendo representados de forma estereotipada nas telenovelas (ARAÚJO, 2000). Tal situação tanto reflete, quanto reforça os estereótipos negativos que acometem à vida social dos negros. Isto é, a mídia, em grande medida, reflete e reforça o racismo que está entranhado na sociedade brasileira (SANTOS, 1994; SANTOS, 2003; SANTOS, 2004).

Ainda sobre a atriz, Isaura Bruno, o cineasta Araújo (2004) destaca que a mesma após sair dos holofotes midiáticos não conseguiu manter o sucesso que havia

⁶ Maria Isaura Bruno, nascida 23 de junho de 1926 em Jaú – SP e falecida em 02 de maio de 1977 em Campinas – SP.

conquistado. Pois, após fazer apenas mais três novelas, Isaura Bruno morreu pobre, como uma desconhecida vendendo doces na Praça da Sé em São Paulo. Além disso, o cineasta destaca no documentário que o desaparecimento da atriz passou despercebido até mesmos pelos negros⁷. Para o cineasta isso se justifica na crença em uma democracia racial e no desejo de branqueamento que era sobremaneira forte naquela época. Ao comentar esse assunto em outro de seus escritos intitulado: O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira, Joel Araújo (2008, p. 01) afirma que:

O mito da democracia racial brasileira, apesar de intensamente criticado por amplos setores da população negra, persiste até hoje na indústria do cinema e da telenovela. Caracteriza-se como uma poderosa cortina que dificulta a percepção dos estereótipos negativos sobre os afro-brasileiros e provoca a falta de reconhecimento da importância dos atores e das atrizes negras na história do cinema e da televisão do país. Examinar a representação dos atores e das atrizes negras em quase 50 anos de história da telenovela brasileira, principal indústria audiovisual e dramática do país, é trazer à tona a decadência do mito da democracia racial, sujando assim uma bela, mas falsa imagem que o Brasil sempre buscou difundir de si mesmo, fazendo crer que a partir de nossa condição de nação mestiça superamos o “problema racial” e somos um modelo de integração para o mundo.

Destacamos dessa citação, a alusão que ela faz à ideia segundo a qual as pessoas têm pouca compreensão acerca da representatividade negra na mídia brasileira. Por isso, como bem destacou o autor citado, o mito da democracia racial ainda é muito reproduzido no espaço midiático brasileiro, à luz do “preconceito de não ter preconceito” (BASTIDE; FERNANDES, 1955). De acordo com tal perspectiva, isso dificulta que as pessoas notem a relação que existe entre a maneira como se dá a representatividade negra na mídia e os diversos tipos de preconceitos e/ou discriminação racial que os negros sofrem constantemente na vida social. Assim sendo, por um lado, a abordagem desenvolvida neste trabalho é importante tanto para despertar uma reflexão sobre o assunto no sentido de ensejar a compreensão de que os

⁷ Essa situação corrobora o que aludimos anteriormente concernente à crença que é difundida no imaginário popular, a partir da qual, a sociedade brasileira, é, plástica e predominantemente, branca. Por isso é comum que a maioria dos negros não alcance as mesmas posições sociais e prestígios que os brancos.

preconceitos raciais e/ou os estigmas contra os negros, em grande medida, ainda são conservados e reproduzidos pela mídia. Portanto, a conscientização da realidade é indispensável para transformá-la. Por outro lado, essa mesma abordagem do trabalho, também poderá servir como referencial teórico para aqueles que vierem a refletir e/ou a escrever sobre o assunto. Dito de outro modo, uma abordagem bibliográfica sobre a representatividade do negro na mídia é sobremaneira útil para revelar como este assunto tem sido problematizado e o que ainda precisa ser analisado e pesquisado.

Com base nos referenciais teóricos inspiradores dessa pesquisa, se pode depreender que apesar de ter havido alguns avanços qualitativos, ao longo da história da mídia brasileira, os negros, em grande medida, têm sido representados de maneira estereotipada tanto pela mídia televisiva, quanto por outros tipos de mídias, como, por exemplo, as histórias em quadrinhos e revistas. A respeito da televisão, Acevedo e Nohara (2008), refletem sobre a pouca diversificação dos papéis representados pelos negros na televisão que reforçam os perfis já estereotipados do negro no Brasil. As autoras ainda destacam que os papéis tidos como principais continuam a pertencer aos sujeitos brancos e, de modo geral, os negros representam papéis de pouco destaque, “secundários ou como figurantes, fazendo parte de uma cena de fundo ou como parte da multidão” (Ibid., p.07). Seguindo essa linha de análise Grijó e Sousa (2012) também assinalam que “entre as profissões exercidas pelos negros nas telenovelas na década de 2000, verificamos que a maioria está envolvida com atividades como: empregada doméstica, escravo, capataz, vendedor ambulante, entre outros (p.193)”. A respeito da representatividade nas revistas, Costa (2012) afirma que:

Ao fazer-se levantamento do quantitativo de propagandas publicadas, em 2009, nas revistas *Veja* e *Época* e ao deter-se a atenção apenas nas peças em cuja composição há pessoas, constata-se que ao negro é reservado espaço desprivilegiado no tecido textual. Um estudo numérico permite que se vá mais além e se afirme que o negro é praticamente invisível na propaganda impressa veiculada por esse tipo de revista. Em um universo de 104 edições (52 de cada uma das publicações), do total percentual (100%) em que figuram pessoas, somente 14,3% do material apresenta negros (dos quais, 9% em peças com arranjo multirracial e 5,3% exclusivamente com pessoas negras). Ficam, para pessoas com características morfológicas não negras, os demais 85,7% de propagandas (Ibid., p. 45-46).

Essas situações observadas pelos autores citados comprovam que, se por um lado, os negros conquistaram um espaço na mídia a partir do qual eles ganharam mais visibilidade e se tornaram mais vistos como alguém inserido no meio televisivo e outros

espaços midiáticos. Por outro lado, essa visibilidade ainda é marcada por estereótipos. Ou seja, os avanços quantitativos que significaram uma maior representatividade dos negros na mídia brasileira, não se equiparam aos pequenos avanços qualitativos que consiste numa representatividade dos mesmos sem estereótipos. Nesse contexto, a Fundação Cultural Palmares, através de um trabalho de pesquisa intitulado, “onde está o negro na TV pública?” (s.d.) revela que os programas dos canais televisivos brasileiros não refletem o pluralismo cultural do país na medida em que desconsidera as raízes ameríndias e afro-brasileiras que junto com a cultura europeia estabeleceram a cultura nacional.

Seguindo essa perspectiva de análise voltamos a contar com a contribuição de Joel Araújo, o qual como já foi aludido anteriormente, deu grande contribuição para que a representatividade estereotipada do negro na mídia brasileira se tornasse objeto de análise. Tanto no seu documentário, quanto em seu livro, ambos com o título “A negação do Brasil”, como também em outros escritos, ele suscita uma reflexão acerca dos papéis que são atribuídos aos negros nas telenovelas, e o estabelecimento de cotas para afro-brasileiros nas propagandas veiculadas pelos meios de comunicação. Conforme já foi argumentado anteriormente, no início do documentário mencionado, o cineasta mostra a repercussão da novela brasileira, “O Direito de Nascer”. No ensejo ele aborda o paradoxo vivido pela atriz afro-brasileira Isaura Bruno que, por um lado, obteve sucesso como atriz. Por outro lado, foi relegada a um estilo de vida lamentável quando foi deixada de fora dos holofotes midiáticos. De modo que, o sucesso que havia alcançado por um tempo não serviu para transformar a sua vida e nem os estereótipos negativos acerca dos negros na televisão brasileira. Em outro de seus escritos, Araújo (2008, p. 01) afirma, sobre a presença daqueles que considera como grandes atores negros nas telenovelas brasileiras, que “Nenhum (...) parece ter escapado do papel de escravo ou serviçal (...), mesmo aqueles que quando chegaram à televisão já tinham um nome solidamente construído no teatro ou no cinema, como Ruth de Souza, Grande Otelo, Milton Gonçalves e Lázaro Ramos” (Ibid.). Diante dessa citação, se faz necessário entender as razões de tal acontecimento. Em outras palavras, é importante refletir sobre o que leva os negros a aceitarem representar papéis estereotipados. Santos (2009) ao resenhar o filme-documentário, A negação do Brasil, chama a atenção para o fato de que,

É visível, nos depoimentos, o desconforto que alguns atores sentem em relação aos papéis que interpretaram. Percebe-se, entretanto, que esse desconforto teve de ser sublimado em função de necessidades profissionais e de sobrevivência. Alguns depoimentos chegaram a revelar ameaças explícitas e veladas de que a recusa a um determinado papel poderia significar o fim da carreira de um ator, como, por exemplo, o caso narrado por Zezé Mota do seu diálogo com Zimbinski, produz após o seu sucesso interpretando Chica da Silva. Nota-se, também, que os atores afro-brasileiros, quando representaram um papel subalterno ou de menor importância, o fizeram apostando no próprio talento e na sua capacidade de transformar, a partir de sua interpretação, um personagem ruim em um personagem que emociona e rouba a cena. Esse comportamento, aliás, reflete uma postura constante dos afro-brasileiros em um contexto de disputa, em que preconceitos e estereótipos raciais estão sendo utilizados contra eles (p.54-55).

A contribuição do autor citado vai ao encontro da ideia central do nosso trabalho, segundo a qual, existe nos meios de comunicação do Brasil, um grau de racismo midiático o qual faz com que os negros sejam representados estereotipadamente ficando sempre à margem dos papéis mais importantes das telenovelas. De acordo com a citação acima, os negros submetem a representarem papéis estereotipados de maneira forçada ainda que indiretamente. Isso só corrobora a ideia de que o racismo é um problema que está impregnado no imaginário elitista da sociedade brasileira. Por um lado, os negros aceitam fazer papéis estereotipados para garantir a sobrevivência vital e profissional. Por outro lado, eles fazem isso acreditando que dessa forma poderão transformar a condição de estereótipo a qual estão submetidos em um cenário de promoção dos seus talentos e habilidades. Metaforicamente falando seria uma tentativa de usar as armas do adversário para vencê-lo. Infelizmente essa situação de submissão para manter a sobrevivência, não é uma exclusividade no âmbito midiático, mas, reflete uma realidade histórica que os negros de um modo geral tiveram que enfrentar e ainda enfrentam em grande medida no seio da sociedade brasileira (BORGES, 2012).

Como já argumentamos anteriormente, mesmo tendo alcançado os meios midiáticos, em alguma medida, o papel do negro já foi pré-estabelecido, tanto na mídia, quanto na sociedade de um modo geral. Lamentavelmente, a representatividade estereotipada do negro, não fica restrita a mídia televisiva. Mas, ela também aparece nas histórias em quadrinhos. Chinen (2013) observa que o mais bem-sucedido personagem negro de tais histórias é o Saci Pererê. Todavia ele não é um ser humano, mas uma entidade mitológica folclórica.

Dessa forma, o autor pontua que o personagem negro mais bem sucedido das histórias em quadrinhos brasileiros, trata-se de alguém que não existe de fato, e por isso, não pode servir de modelo para nenhum negro. Todas essas maneiras estereotipadas de representar o negro nos meios de comunicação midiáticos acabam por acarretar diversos efeitos deletérios à sociedade de um modo geral e aos próprios sujeitos negros. Vejamos alguns deles.

Sobre os efeitos da imagem estereotipada do negro na mídia brasileira

Na contrapartida da luta dos negros para transformar as estruturas que geram e propagam os estereótipos raciais, surge de forma sutil a ideologia do branqueamento. Sob o prisma da nossa análise, tal ideologia consiste em conferir aos brancos a representação de papéis que seria bem mais apropriado se fossem representados por negros. Como é caso da novela “Escrava Isaura” em que a protagonista principal era negra, todavia, foi interpretada pela atriz Lucélia Santos que é fenotipicamente branca. Situação parecida que é destacada por Araújo (2004) é o uso do *blackface*, ou seja, atores brancos que escureciam a pele para interpretar papéis cujos personagens eram negros. A novela “Cabana do Pai Tomás” ilustra bem essa realidade. De acordo com autor mencionado acima, esta seria a primeira novela a contar com um personagem principal negro. Porém, decorrente de pressões dos patrocinadores, o papel foi interpretado por, Sérgio Cardoso. Como se tratava de ator branco ele tinha que se submeter ao processo de escurecimento da pele. Além dos casos ilustrados nas telenovelas, também existe o fato de que os elementos próprios da cultura africana como: o maculelê, capoeira, maracatu, cujos quais, geralmente não são representados na mídia por negros, mas muitas das vezes, são brancos que acabam representando tais elementos que são peculiares da cultura negra. Mas, afinal, qual é o fundamento teórico da ideologia do branqueamento e como ela se propaga?

De um modo geral, tal ideologia se fundamenta teoricamente na ideia de que os negros são inferiores aos brancos. Segundo Florestan Fernandes “sem a ideia de que o negro é inferior” e necessariamente “subordinado ao branco, a escravidão não seria possível” (1992, p.42). Da mesma forma, sem ideia de inferioridade dos negros em relação aos brancos dificilmente seria instituída e difundida numa sociedade tão mestiça como é a brasileira, a ideologia do branqueamento. Uma vez que, tal a ideologia se

fundamenta numa ideia que hoje é considerada no âmbito científico como equivocada, racista e preconceituosa.

Por outro lado, a ideologia do branqueamento se propaga sutilmente através de diversas maneiras. De acordo com Araújo (2006) a partir dos anos 30 encontraram-se uma estratégia para camuflar a problemática dos estigmas raciais e reproduzir veladamente o ideal do branqueamento sob o pretexto de que estavam criando uma identidade racial da sociedade brasileira. Tal estratégia, genocida, ficou conhecida como miscigenação, a qual tinha como pano de fundo a concepção de que a purificação racial da população brasileira significaria o progresso da nação e criação de uma democracia racial (TORRES, 2012).

No Brasil, a ideia de miscigenação não significou uma superação da ideologia preconceituosa do branqueamento, ao contrário disso, o que houve foi uma reprodução da mesma provocando a dissolução das raças consideradas inferiores, em prol, da promoção da raça branca considerada a superior (ARAÚJO, 2006). De acordo com a alusão de Araújo (2006) a miscigenação representaria “a melhor forma de diluir o negro na sociedade branca, de apagar a mancha de nossa origem africana (Ibid., p.77)”, ou seja, foi uma tentativa de transformar o branco num padrão estético ideal a ser seguido, ou, uma espécie de persistência do passado escravagista.

Ao comentar a questão do pluralismo étnico e defender a importância de reconhecer cada elemento étnico que compõe o pluralismo brasileiro, D’Adesky (1997), afirma que o devido reconhecimento e valorização do pluralismo étnico-racial por parte do Estado diminuiria a dominância do eurocentrismo enquanto cultura superior. Desse modo, ainda segundo o autor (1997) a mera noção de igualdade e reconhecimento seria insuficiente se desconsideradas as peculiaridades étnicas, históricas e culturais de grupos como negros e indígenas, por exemplo. Com isso, a ausência desse reconhecimento pelo Estado fortalece, ainda mais, o ideal de Ego branco, assim como a segregação e o genocídio da população negra no Brasil.

Face ao exposto, se pode depreender que o reconhecimento adequado da legitimidade de cada grupo étnico é fundamental para construir as bases de uma sociedade democrática e republicana, sociedade essa que se organiza de forma a respeitar os direitos e as diferenças de cada um dos seus membros (D’ADESKY, 1997).

Por outro lado, a falta do reconhecimento da legitimidade das etnias pode acarretar uma série de efeitos nocivos tanto às pessoas que são desrespeitadas, quanto à

imagem da sociedade como um todo. Num contexto assim, é muito comum a reprodução de diversos tipos de preconceitos e/ou discriminação que geram ações e outras medidas que incidem na exclusão de pessoas, como os negros, dos múltiplos espaços da sociedade que deveriam ser ocupados por eles da mesma forma que são ocupados pelos brancos. Além disso, também se pode falar de exclusão no que diz respeito aos direitos fundamentais que são assegurados na Constituição Federal de 1988, como por exemplo, o direito ao trabalho digno com remuneração decente (BRASIL, 1988). Para exemplificar a exclusão desse tipo de direito Lecci e Passos (2018) apontam que:

Segundo dados do IPEA, o trabalho doméstico é a principal ocupação entre as mulheres negras, o que indicaria uma herança do sistema escravocrata. Na função de empregadas domésticas, as mulheres negras ainda têm as menores remunerações se comparadas às mulheres brancas, que, por sua vez, apresentam um maior nível de escolarização. No ano de 2014, somente cerca de um terço das empregadas domésticas possuíam carteira assinada, ou seja, acesso a direitos, tais como licença maternidade, licença médica, férias remuneradas, 13º salário ou aposentadoria. Dentro desse montante, as mulheres brancas com carteira assinada representam 33,5% enquanto as negras equivalem a 28,6%. As mulheres negras mantêm-se com a menor renda, nas diversas formas de trabalho existentes, quando comparadas ao rendimento médio dos homens negros e das mulheres e homens brancos, sendo que o seu rendimento médio, em 2014, equivale aproximadamente à R\$ 946 reais (2018, p. 125).

Além disso, a ideologia do branqueamento também acarreta aos sujeitos negros outros resultados tão nocivos quanto aos efeitos da discriminação e exclusão. Trata-se de um estado de alienação, ao qual, eles incorrem. Nesse contexto, se instaura uma situação de negação da própria identidade por parte dos negros. Por conseguinte, eles passam a se identificar e aceitar como referenciais os padrões estéticos e outros valores que são ditados pelos interesses da classe branca dominante. (SOUZA, 1990) “Assim, seria difundida a imagem do negro de alma branca - o protótipo do negro leal e devotado ao seu senhor, à sua família e à própria ordem social existente” (LECCI; PASSOS; 2018 p.119).

Se por um lado, a identidade racial do negro o faz lutar por ser reconhecido e respeitado como tal em meio à sociedade. Por outro lado, a perda dessa identidade, conforme já aludimos acima, o faz renegar as suas peculiaridades étnicas e submeter ao processo de descaracterização promovido pelo grupo de brancos que desejam ainda que de forma tácita instituir uma hegemonia racial, ou então, promover uma exclusão dos

negros. Tal ideia vai ao encontro da teoria da expectativa que foi aludida anteriormente em uma das citações.

Nesse contexto, se pode afirmar que a representatividade estereotipada dos negros feita pela mídia acarreta diversos efeitos deletérios à vida em sociedade. Como é o caso, do reforço e a proliferação do preconceito racial seguido de violência contra os negros, em especial as mulheres, a baixa representatividade dos negros na mídia e em outras instâncias relevantes da sociedade. Ao analisar o poder da influência midiática Kellner (2001), revela que a cultura da mídia apresenta bases a partir das quais as pessoas vão construindo o seu senso de classe, de raça e etnia, de nacionalidade, de sexualidade. De modo que a mídia pode contribuir em grande medida, na construção de nossa identidade e na determinação do que seja o outro, isto é, o diferente do que somos. Seguindo essa linha de análise Grijó e Sousa (2012, p. 186) afirmam que “as narrativas das telenovelas ajudam a construir identidades, quer sejam raciais, de gênero etc., as quais podem ser apropriadas (ou não) pelo público” (ibid.). Esses argumentos retomam e fundamentam uma das ideias centrais que abordamos, ao longo deste trabalho, segundo a qual, o modo como o negro é representado pela mídia pode incidir diretamente na promoção de práticas, sentimentos e paradigmas que reforçam e reproduzem os estigmas raciais que foram deixados pela escravidão e, por conseguinte, tais estigmas vão de encontro aos necessários ideais para se ter uma república democrática bem ordenada.

Considerações finais

Diante do que foi argumentado ao longo deste estudo podemos depreender que a representatividade do negro na mídia brasileira, em grande medida tem sido promovida de forma estereotipada. Tal ideia pode ser ilustrada a partir de vários fatores, como por exemplo, os negros em grande medida, têm sido forçados a representar nas novelas papéis secundários, ou então, têm ficado restritos a fazer parte de cenas de fundo ou como parte da multidão, enquanto os brancos têm desempenhado os papéis principais (ACEVEDO; NOHARA, 2008; SANTOS, 2003; SANTOS, 2004) e este contexto, muitas vezes, tem favorecido a cultura da ideologia do branqueamento. Por conseguinte, tal fato tem ocasionado diversos efeitos nocivos tanto à imagem da sociedade brasileira como um todo, quanto às pessoas que têm sido discriminadas.

De um modo geral, tal ideologia se fundamenta teoricamente na ideia de que os negros são inferiores aos brancos (FERNANDES, 1992). Como nos dias hoje tal ideia não possui o devido respaldo científico, ela se propaga de forma sutil e capciosa. Uma estratégia “comum” para camuflar a problemática dos estigmas raciais e reproduzir veladamente o ideal do branqueamento é a miscigenação, a qual tinha como pano de fundo a concepção de que a purificação racial da população brasileira significaria o progresso da nação e criação de uma democracia racial (BASTIDE; FERNANDES, 1955; ARAÚJO, 2008; TORRES, 2012).

Além disso, a ideologia do branqueamento também pode acarretar ao sujeito negro um estado de alienação (FERNANDES, 1992; ARAÚJO, 2006). Nesse contexto, se instaura uma situação de negação da própria identidade (FERNANDES, 1992; ARAÚJO, 2006). Por conseguinte, o sujeito passa a se identificar e aceitar como referenciais os padrões estéticos e outros valores que são ditados pelos interesses da classe branca dominante que almeja ainda que de forma tácita instituir e difundir uma hegemonia étnica/racial.

Em um contexto assim, é muito comum a reprodução de diversos tipos de preconceitos e/ou discriminação que geram ações e outras medidas que incidem na exclusão de pessoas, como os negros, dos múltiplos espaços da sociedade que deveriam ser ocupados por eles da mesma forma que são ocupados pelos brancos. Faz-se necessário que os negros compreendam a sua identidade étnica/racial e partir daí se ponha buscar o reconhecimento devido acerca dessa dimensão o reconhecimento e respeito social.

Referências

ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA Jouliana; RAMUSKI, Carmen Lúcia. Relações Raciais na Mídia: um estudo no contexto brasileiro. **Psicologia Política**, v. 10, n. 19, p. 57-73, jan/jun 2010.

ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Jouliana Jordan. Interpretações sobre os retratos dos afro-descendentes na mídia de massa. **RAC**, Curitiba, v. 12, p. 119-146, 2008.

ARAÚJO, Joel Zito. **A NEGAÇÃO do Brasil (Documentário)**. São Paulo, 2000, 1h 32min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PrrR2jgSf9M>> Acesso em: 13 dez. 2019.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. 2. ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2004.

ARAÚJO, Joel Zito. A força de um desejo – a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. **Revista USP**, São Paulo, n. 69, p. 72-79, mar./mai. 2006.

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar de decadência do mito da democracia racial brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 979-985, set/dez. 2008.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: UNESP/Anhembi, 1955.

BORGES, Rosane da Silva. Mídia, racismos e representações do outro. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane S. **Mídia e racismo**. Petrópolis: ABPN, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292p.

BRASIL. **Lei n. 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm>. Acesso em: 12 jan. 2020.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros**. 2013. 296f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

COSTA, Jurandir Freire. **Da cor ao corpo: a violência do racismo**. In: SOUZA, Neusa. Tornar-se negro. Ou as vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

COSTA, Kátia Regina Rebello da. De quando a pluralidade revela a invisibilidade. In: **Mídia e racismo**. Roberto Carlos da Silva Borges e Rosane Borges (Orgs.) Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates. Coordenação: Tânia Mara Pedroso Müller. 2012.

D'ADESKY, Jacques d'. Pluralismo étnico e multiculturalismo. **Afro-asia**, v. 19/20, p. 165-182, 1997.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos Brancos**. São Paulo: Global, 2007.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Onde está o negro na TV pública?** s.d. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/pesqtv.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

GAIA, Ronan da Silva Parreira; VITÓRIA, Alice da Silva; ROQUE, Ariel Teixeira. **Candomblé no Brasil: resistência negra na diáspora africana**. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUSA, Adam Henrique Freire. O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. **Estudos em Comunicação**, n. 11, p. 185-204, mai. 2012.

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

LECCI, Alice de Carvalho Lino; PASSOS, Luiz Augusto. A negação do Brasil: estereotipagem e identidade negra. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 14, n.02, p. 117-134, jun. 2018.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris: Organização das Nações Unidas, 1948.

SANTOS, F. G. Filme- Documentário. “A Negação do Brasil. **Revista KÀWÉ**, Ilhéus, n. 3, p. 53-55, 2009.

SANTOS, Hélio. **A Busca de um Caminho para o Brasil**: a trilha do ciclo vicioso. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

SANTOS, Hélio. Desenvolvimento e Inclusão Social. *In*: Ortega, E.; Ulgiati, S. (editors). **Proceedings of IV Biennial International Workshop “Advances in Energy Studies”**. Unicamp, Campinas, SP, Brazil, jun. 2004. p. 175-180

SANTOS, Hélio. Uma teoria para a questão racial do negro brasileiro. A trilha do círculo vicioso. **São Paulo em perspectiva**, v. 8, n. 3, p. 56 - 65, 1994.

SOUZA, Neusa. **Tornar-se negro**. Ou as vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

TORRES, Álvaro Luiz Palacios. **Ações Afirmativas e Limites às Políticas Públicas de Igualdade**. 2012. 130f. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2012.